

A estética sonora no podcast Praia dos Ossos

RESUMO

Carlos Roberto Praxedes dos Santos

carlospraxedes@gmail.com
Universidade do Vale do Itajaí (Univali),
Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

Júlia Marins Finamore de Souza

juliao.mariins@gmail.com
Universidade do Vale do Itajaí (Univali),
Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

O podcast é uma mídia em expansão no Brasil e no mundo, e o jornalismo está cada vez mais presente nessa mídia. Pesquisa realizada em 2020 constatou que mais de 34 milhões de brasileiros ouviam podcasts (ABPOD, 2021). O objetivo geral deste artigo é examinar a estética sonora presente no podcast Praia dos Ossos. Os objetivos específicos são descrever elementos de sonoplastia utilizados na produção e identificar as principais técnicas de edição presentes no podcast. A metodologia de pesquisa utilizada será análise de conteúdo dos episódios do podcast, bem como análise bibliográfica sobre o que já foi falado a respeito de estética sonora e podcast, no Brasil. Para tanto, foram utilizadas pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo dos oito episódios do podcast. Conclui-se que o podcast Praia dos Ossos amplifica os sons do ambiente a fim de incluir o ouvinte no cenário do crime, bem como faz uso de trilhas de mistério e drama, a fim de manifestar o caráter investigativo da reportagem. A estética sonora é amplamente utilizada a fim de transportar o ouvinte para a época em que o caso se desenrola.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast. Estética sonora. Praia dos Ossos.

INTRODUÇÃO

Praia dos Ossos foi a primeira minissérie em formato podcast da Rádio Novelo, fundada por Branca Vianna e Flora Thomson-Deveaux, em 2019. Branca e Flora eram tradutoras simultâneas de inglês até iniciar as pesquisas e a trabalhar com podcast. Praia dos Ossos conta a história da morte de Ângela Diniz, assassinada por seu namorado, Doca Street, em 1976. Ao situar o ouvinte sobre os personagens principais, Praia dos Ossos conta a história de cada um, os traços de personalidade, a relação dos dois com a alta sociedade mineira, paulista e carioca. Em seguida, ouve dezenas de fontes para traçar perfis de Ângela e Doca.

A reportagem demarca o momento social em que o país e o mundo viviam, na década de 1970, época em que o feminismo começava a ser realidade, mas não possuía sustentação numa sociedade brasileira machista. O podcast também faz um perfil do advogado de Doca Street, responsável por sua absolvição, em 1979; detalha a cobertura jornalística dos jornais impressos, das emissoras de rádio e televisão, incluindo aí a transmissão ao vivo do julgamento para todo o Brasil. Outro ponto de impacto do podcast é detalhar como a sociedade agiu após o primeiro julgamento que inocentou o crime sob a justificativa de legítima defesa da honra.

Mesmo não sendo jornalistas, Branca e Flora fizeram uma pesquisa detalhada em jornais, revistas e realizaram mais de 50 entrevistas. Foram oito episódios narrando a história de Ângela, seu envolvimento com Doca, o crime e suas consequências. Em duas semanas, Praia dos Ossos atingiu a marca de mais de 1 milhão de downloads e foi um dos podcasts mais comentados de 2020.

Além de seu conteúdo de grande reportagem, o podcast conta com uma ambientação sonora dos lugares e eventos que fizeram parte desse acontecimento. Para remeter o ouvinte ao Brasil dos anos 1970, quando o crime e o primeiro julgamento aconteceram, os produtores utilizaram recursos apurados no campo da estética sonora como pausas dramáticas, introdução de áudio ambiente, efeitos sonoros como os que lembram alguém folheando páginas de jornais. Eles também contrataram um locutor com entonação e voz que lembram os locutores das rádios em Amplitude Modulada (AM), a fim de para ler esses jornais da época.

Capturar a atenção dos ouvintes através de recursos sonoros não é uma novidade, “o rádio informativo busca formas de articular os diferentes elementos que compõem a mensagem radiofônica para conquistar a atenção de um ouvinte cada vez mais disperso e inserido em um contexto permeado por diferentes estímulos, estes quase sempre visuais.” (SILVA, 2006). E para que esses recursos sonoros se encaixem, é necessária uma edição de qualidade.

O consumo da mídia podcast no Brasil é crescente. A PodPesquisa de 2020 estima que cerca de 34,6 milhões de brasileiros consomem podcast. De acordo com pesquisa encomendada pelo Grupo Globo, durante a pandemia do Covid 19, o Brasil foi o quinto país no ranking mundial de crescimento de produção podcast. Entre 2019 e 2020, mais 7 milhões de brasileiros acima de 16 anos passaram a consumir essa mídia (GLOBO, 2021). Os investimentos na publicidade em podcast nos Estados Unidos foram de mais de US\$ 1,4 bilhão, em 2021 (SACCHITIELLO, 2022), o que representa tendência global.

No âmbito jornalístico, o podcast tem ganhado espaço em mídias tradicionais brasileiras como a televisão e a imprensa escrita. Canais como TV Globo, TV Bandeirantes, SBT e Record TV, bem como jornais como Folha de S. Paulo, Estadão e O Globo tem investido na produção de podcasts sobre os mais variados assuntos.

Assim como as mídias tradicionais têm expandido para o formato podcast, mídias jornalísticas independentes também aproveitam esse espaço, como é o caso da Radio Novelo. Este artigo tem como objetivo geral examinar a estética sonora presente no podcast Praia dos Ossos. Os objetivos específicos são descrever elementos de sonoplastia utilizados na produção e identificar as principais técnicas de edição presentes no podcast. A metodologia de pesquisa utilizada será análise de conteúdo dos episódios do podcast, bem como análise bibliográfica sobre o que já foi falado a respeito de estética sonora e podcast, no Brasil.

PODCAST

O termo podcast une o prefixo “pod” que significa Personal on Demand (Pessoal sob Demanda) e “cast”, que vem de broadcasting, em português, transmissão (FALCÃO; TEMER, 2019, p. 2). Segundo Lucio Luiz (2014), os podcasts podem ser definidos como “programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição direto e atemporal chamado podcasting” (LUIZ, 2014, p. 9). O termo podcast foi utilizado pelo jornalista Ben Hammersley, no The Guardian, e o novo sistema de transmissão de dados ficou conhecido dessa forma (LUIZ, 2014, p. 10). No exterior, o termo também é utilizado para vídeos transmitidos da mesma forma, porém no Brasil, os vídeos transmitidos por podcasting são conhecidos como videocast.

Para uma compreensão mais completa acerca do podcast, é necessário definir o podcasting. Esta é “uma forma de transmissão de mídia via feedRSS (Real Symple Syndication)”. De acordo com Pablo de Assis (2014, p. 31), o feed facilita a transmissão de conteúdo online, criando notificações que atualizam o assinante do conteúdo. Segundo o autor, uma das características que se destacam é a atemporalidade no acesso, se o feed e o arquivo continuarem hospedados na internet. No Brasil, a maioria dos podcasts possuem um blog ou site. Nesses espaços, os programas são lançados periodicamente e organizados em um feed, e além dos arquivos de áudio, os blogs possibilitam a criação de outros conteúdos em texto (ASSIS, 2014, p. 32).

Por trás de toda produção e execução dos podcasts existe o podcaster, a pessoa que produz conteúdo para esse tipo de mídia.

O Podcaster é o indivíduo que produz ou participa da criação do Podcast. Esse ser extremamente curioso e persistente geralmente anda em bandos e esses bandos se relacionam uns com os outros. Este hábito de origem a uma rede de relacionamento comumente chamada Podosfera (esfera que reúne os podcasters) (BONASSOLI, 2014, p. 15).

Segundo Bonassoli, os podcasts normalmente são formados por grupos de, pelo menos, três pessoas que, grande parte das vezes, se conheceram via internet. Essas pessoas costumam participar de todo processo, desde a apresentação até a

edição e divulgação (BONASSOLI, 2014, p. 16). O que diferencia a podosfera dos outros meios de comunicação é a cooperação entre os criadores de diferentes programas, principalmente aqueles que possuem o mesmo nicho. Também é comum a troca de comentários entre produtores de conteúdo (BONASSOLI, 2014, p. 17-19).

O primeiro podcast brasileiro surgiu em 2004, criado por Danilo Medeiros e se chamava Digital Minds. Como a maioria dos podcasts, ele era associado a um blog que levava o mesmo nome. Nesse período surgiram outros representantes da mídia brasileira no podcasting, fazendo com que a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon) acontecesse em Curitiba, Paraná. Em 2005, na segunda PodCon aconteceu a organização da Associação Brasileira de Podcast (ABPod), porém, no mesmo, a mídia podcast enfraqueceu e muitos podcasts chegaram ao fim. Esse fenômeno ficou conhecido como “podfade”. Em 2006, surge o Nerdcast, um dos podcasts mais antigos em atividade. A partir de então, o fenômeno do podcast voltou a crescer no Brasil. Atualmente, a podosfera brasileira está, segundo Lucio Luiz, “suficientemente sólida (do ponto de vista de quantidade e qualidade, embora ainda não de popularidade) a ponto de podermos encontrar programas de todos os temas [...]” (LUIZ, 2014, p. 14).

Segundo a pesquisa encomendada pela TV Globo em parceria com o IBOPE, em outubro de 2020, a maioria dos consumidores brasileiros de podcast têm entre 25 e 34 anos. Porém, o consumo entre pessoas mais velhas e mais novas também é grande, o que faz do podcast uma mídia multigeracional. A classe C é a que mais consome essa mídia, totalizando 51% dos ouvintes. Ademais, o Brasil foi o primeiro país no ranking de maior crescimento na produção de podcasts no ano de 2020. O isolamento físico devido à pandemia da Covid 19 favoreceu o crescimento dessa mídia: 57% dos ouvintes começaram a ouvir podcasts durante a pandemia e, dos 43% que já consumiam, 31% passaram a escutar ainda mais. O principal motivo pelo qual os brasileiros passaram a ouvir podcasts foi a busca de conteúdo por assunto de interesse, seguido de curiosidade pelo formato e indicações de conhecidos (IBOPE, 2020).

ESTÉTICA SONORA

Segundo Ferraretto, “a linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si” (FERRARETTO, 2014, p. 31). A palavra falada carrega grande parte do conteúdo da mensagem, não se limitando apenas nas palavras, mas na forma que ela é emitida. Pode ser usada de forma expositiva, narrativa, descritiva, expressiva e argumentativa, tudo depende do objetivo do locutor. Ferraretto também chama atenção para as características da voz, a altura, a intensidade e o timbre, todas elas cooperam para o resultado da mensagem (FERRARETTO, 2014, p. 33).

Já a música pode ser utilizada como o conteúdo da programação ou como complemento do conteúdo falado, recurso de linguagem. Outro expediente utilizado são os efeitos sonoros. Esses se aplicam na construção de imagens sensoriais e são muito utilizados na dramaturgia radiofônica. O silêncio também é usado como um elemento na linguagem de áudio. Ele pode potencializar a

expressão e dramatizar a mensagem radiofônica, dando a impressão de distância e oportunidade para reflexão (FERRARETTO, 2014, p. 33-35).

Júlia Lúcia da Silva explica que “a mensagem radiofônica é resultado de um mosaico sonoro” (SILVA, 2006, p. 2). Esse mosaico sonoro inclui os elementos citados por Ferraretto; música, efeitos sonoros, silêncio e ruídos; juntamente com a linguagem verba-oral. Eles “favorecem a compreensibilidade, provocam a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dão credibilidade à informação” (PRADO, 1989, p. 89). Silva explica que isso se trata “da consideração dos elementos não verbais como fonte jornalística” (SILVA, 2006, p. 3).

A estética sonora é muito utilizada como elemento no jornalismo interpretativo, que faz uma “ampliação qualitativa das informações a serem repassadas ao público” (FERRARETTO, 2007, p. 201). Os recursos ajudam a contextualizar a notícia ou reportagem, situando o ouvinte no fato narrado (FERRARETTO, 2007, p.1).

PRAIA DOS OSSOS

A Rádio Novelo é uma produtora de podcasts que foi criada no ano de 2019 no Rio de Janeiro. Ela foi fundada por Branca Vianna e tem como diretoras de criação e pesquisa a jornalista Paula Scarpin e a pesquisadora e tradutora Flora Thomson-Deveaux. Além das três, a equipe é formada por mais 34 pessoas. O objetivo da rádio é produzir programas inteligentes, interessantes e bem-acabados. Hoje a Rádio Novelo conta com 18 programas, 11 clientes e mais de 15 milhões de downloads. O programa Praia dos Ossos foi o que estreou a produtora.

O podcast investiga o caso da socialite Ângela Diniz que, em 1976, aos 32 anos, foi morta pelo companheiro, Doca Street, que a assassinou com quatro tiros. Com uma grande cobertura midiática que contou inclusive com a transmissão do julgamento ao vivo pela televisão, a defesa de Doca Street conseguiu inocentá-lo sob a alegação de que o crime havia sido cometido em legítima defesa da honra, por suspeita de que Ângela o tivesse traído. Enquanto uma parte da sociedade brasileira ficou indignada com o resultado do julgamento, outra parte considerava o assassino um ídolo, já que Doca alegou ter matado a companheira “por amor”. Após protestos, o julgamento foi anulado e ele foi condenado a 15 anos de prisão, em 1981.

O podcast possui oito episódios com duração, em média, variando entre quarenta e cinco minutos a uma hora. Além disso, conta com três episódios bônus. Segundo Branca Vianna, a ideia do programa veio quando ela descobriu que mulheres mais jovens não conheciam a história de Ângela e a repercussão de seu assassinato. Ela também disse que toda a pesquisa a levou a descobrir “uma mulher fascinante, com personalidade forte, que deixou saudades nas pessoas que a conheceram” (REVISTA ENCONTRO, 2021). Segundo Flora, o perfil geral dos ouvintes do podcast são jovens de até 30 anos que não conheciam o caso. Os direitos do podcast foram adquiridos pela Conspiração Filmes que pretende fazer uma adaptação do programa em formato de minissérie dramática.

Além da trama envolvente, o podcast Praia dos Ossos chama a atenção por sua estética sonora diferenciada. Ao utilizar recursos como efeitos sonoros e dramatização da voz, o programa prende a atenção dos ouvintes e os leva ao Brasil dos anos 70.

METODOLOGIA

Para examinar a estética sonora presente no podcast Praia dos Ossos, foram utilizadas pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. Em primeiro lugar, foi adotada a pesquisa bibliográfica, principalmente no que diz respeito à linguagem da mídia sonora e à estética sonora, importante para “conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto”, conforme explica Stumpf (2017, p. 51).

Em seguida, empregou-se a análise de conteúdo por meio da audição e posterior decupagem dos oito episódios do podcast Praia dos Ossos, a fim de se obter todos os registros, seja de locuções, sonoras, trilhas e efeitos sonoros empregados na produção. Segundo Bardin (2011, p. 123), a análise de conteúdo possui três fases: 1) a pré-análise, quando ocorre a organização propriamente dita do material a ser analisado; 2) “a codificação, decomposição e enumeração” dos dados e 3) o tratamento dos resultados (BARDIN, 2011, p. 131).

EDIÇÃO JORNALÍSTICA DO PODCAST PRAIA DOS OSSOS

O primeiro episódio de Praia dos Ossos é intitulado “O crime na Praia dos Ossos”, e aborda o assassinato de Ângela Diniz. Branca Vianna descreve o cenário do crime utilizando elementos em áudio para situar o ouvinte. Esse episódio tem cinquenta e dois minutos de duração e a host e idealizadora explica, no início, que foram mais de sessenta entrevistados, centenas de reportagens, áudios do processo e visitação de todos os arquivos de TV e rádio ainda existentes.

Além disso, um locutor profissional foi contratado para ler as reportagens sobre o caso e um efeito técnico de abafamento da voz foi utilizado para simular uma rádio AM. Durante esse primeiro episódio foi possível perceber alguns padrões na edição técnica do podcast. Um deles é o som de página virando toda vez que um documento é lido, outro é a amplificação do som ambiente quando ele favorece a ambientação do ouvinte. O episódio conta com cinco entrevistas, incluindo pessoas envolvidas profissionalmente no caso e amigos de Ângela. Além disso, conta com arquivos de pelo menos sete jornais, áudios de entrevistas da época e registros do advogado de Doca Street à época do primeiro julgamento.

O segundo episódio, “O julgamento”, trata do julgamento de Raul Fernando do Amaral Street, o Doca. A duração do episódio é de uma hora e quatro minutos, doze minutos a mais que o anterior e, junto com o oitavo, possui a maior duração da série. Seguindo uma linha cronológica em relação ao primeiro episódio, Branca explica tudo que aconteceu na audiência, descreve os advogados, juízes e conta com vários trechos do áudio do tribunal do júri.

Evandro Lins e Silva: Pode-se concluir que a paciente é portadora de personalidade neurótica, instável, com distúrbios do comportamento e dependência tóxica medicamentosa. Então, senhores jurados, ela realmente queria morrer. O júri quer mais? Algum dos senhores, não sei, já fez testamento? Especialmente um testamento aos 26 anos de idade? Não é impressionante, a sucessão de fatos que demonstram que esta moça queria morrer. Morreu pela mão de Raul Fernando Doca Street. Ela provocou a sua morte.

O texto acima é a transcrição da fala do advogado de Doca Street, Evandro Lins e Silva, durante o primeiro julgamento, extraída do segundo episódio do podcast Praia dos Ossos. A qualidade do áudio, devido à tecnologia limitada da década de 1970, contrasta com a boa qualidade do restante do episódio, que também contou com recursos de ambientação e os efeitos durante a leitura das reportagens de jornais impressos da época lidas pelo locutor. O episódio apresenta ainda seis entrevistas, sendo um entrevistado repetido de “O crime da Praia dos Ossos”. A entrada e saída de backgrounds dramáticos e de mistérios aumentam a curiosidade dos ouvintes e geram expectativa e suspense. O episódio termina com uma deixa para o próximo, a entrevista com a amiga de infância de Ângela, Jaqueline Pitanguy. Esse recurso leva o ouvinte a se interessar e indagar sobre a identidade da vítima do crime da Praia dos Ossos.

O terceiro episódio, intitulado “Ângela”, volta no tempo e conta a história da vítima do crime da Praia dos Ossos. O episódio tem uma hora e um minuto de duração e seis entrevistados, repetindo um deles do episódio anterior. Quatro das fontes eram amigas de Ângela e duas eram jornalistas. O episódio também trouxe artigos do Jornal Estado de Minas lidos pelo locutor convidado. Uma das fontes foi contatada pelo telefone, fazendo com que a qualidade do áudio fosse inferior à do restante do episódio. Porém, o efeito do áudio do locutor fez com que a entrevista não destoasse do restante do conteúdo.

Por ser um episódio bibliográfico de Ângela Diniz, a trilha sonora variou mais do que nos episódios anteriores. Uma trilha descontraída foi o background para momentos alegres da vida da socialite e duas músicas de Elizeth Cardoso e de Maria Bethânia para momentos melancólicos. Essas canções tocavam na casa de Ângela enquanto ela concedeu entrevista para Roberto Drummond, que as citou no perfil que publicou. O encaixe de fontes nesse episódio foi mais dinâmico do que nos anteriores, já que as histórias e depoimentos das amigas e conhecidas da socialite se completavam.

Celina Albano: A Maria, isso eu sei pela minha mãe, quando tinha as festinhas lá em casa, ela telefonava para minha mãe: “Glorita, quem é que você convidou? Que pessoas que vão?”. Ela tinha esse controle.

Branca Vianna: Para deixar a Ângela ir ou não e...

Celina Albano: Saber o que a Ângela estava fazendo. Ela tinha esse controle, sim. Eu acredito que muitas mães não tinham isso. Eu acho que o controle da Maria, assim, era mais excessivo do que o das outras. Tinha umas que nem deixavam a filha sair. Podia ser... Por ignorância, burrice, tal. Mas o dela era por uma questão de foco.

Anna Marina Siqueira: A mãe dela era muito minha amiga, amiga da família toda. Então quando ela nasceu eu conheci. E fui acompanhando a vida dela ao longo de todo o trajeto, né?

Branca Vianna: Essa é, de novo, a Anna Marina, a colunista veterana do Estado de Minas. Além de jornalista, a Anna Marina foi sócia da Maria Diniz numa boutique na cidade. Todo mundo diz que essa boutique era a mais chique de Belo Horizonte.

Além disso, o episódio foi marcado pela visita ao arquivo do Estado de Minas onde Branca Vianna teve acesso a fotos de Ângela na adolescência, em seu casamento e durante sua relação com o marido, o construtor Milton Vilas Boas.

O episódio trata do relacionamento de Ângela com a mãe e seu envolvimento com a sociedade de Belo Horizonte, lugar onde nasceu e cresceu. Passou também por seus relacionamentos amorosos, até chegar em seu casamento com Milton Vilas Boas e, mais tarde, separação. Diversos trechos do jornal Estado de Minas foram lidos pelo locutor, mostrando o envolvimento da socialite com os tabloides desde sua adolescência. Branca encerra o episódio com suspense, deixando o ouvinte curioso para os três crimes que entraram para a biografia de Ângela antes de conhecer seu assassino, Doca Street.

O quarto episódio, intitulado “Três Crimes”, com a duração de cinquenta e um minutos e oito segundos, possui quatro fontes inéditas e uma fonte repetida. Branca e Flora também visitaram o acervo do Museu da Imagem e do Som em Belo Horizonte onde obtiveram os arquivos em áudio das investigações sobre o assassinato de José Avelino dos Santos, funcionário de Ângela. Nesses áudios foi possível ouvir a voz de Ângela de forma inaudível, com apenas uma frase identificada e foi possível ouvir a voz de Tuca Mendes, assassino de José Avelino. Mesmo com a qualidade baixa, foi possível identificar as frases ditas por Tuca.

O locutor contratado, Ingo Ostrovsky, leu notícias e colunas da Revista Veja, O Jornal, Jornal do Brasil, O Cruzeiro e O Globo. As leituras feitas pelo locutor fizeram com que os áudios do arquivo de Belo Horizonte não se tornassem um objeto destoante do restante do episódio.

Locutor: O Jornal, 28 de agosto de 1973. Calma, com um jeito infantil no olhar e até ao responder ao juiz, Ângela Diniz repetiu o que já havia dito na Polícia. Por vezes chegava a brincar. Com o Código de Processo Penal que estava à sua frente, forçava a repetição de perguntas feitas pelo juiz, como se não tivesse entendido o que lhe era perguntado.

Além disso, Branca Vianna fez a leitura da entrevista da filha de Ângela, Cristiana, à Revista RG Vogue. O objetivo do episódio foi explicar os três crimes que envolveram Ângela Diniz diretamente, antes de ser assassinada por Doca. O primeiro crime foi o assassinato de seu vigia, José Avelino dos Santos, cometido por seu ex-parceiro Tuca Mendes. O segundo crime foi a posse de maconha flagrada por policiais e o terceiro foi o sequestro de sua filha que estava sob guarda do seu ex-marido, Milton Villas Boas. O episódio termina com uma deixa para o próximo, o suposto poder de sedução de Ângela.

O quinto episódio do podcast, “A Pantera”, fala sobre a vida amorosa de Ângela Diniz até o momento em que ela conhece seu assassino, Doca Street. O episódio possui quarenta e três minutos e quarenta e nove segundos de duração, quatro fontes inéditas e três repetidas. A conversa informal com as fontes é um elemento que se destaca nesse episódio, apesar de presente também nos anteriores. Manter risadas, vícios de linguagem e pausas para se emocionar é algo constante e marca o Praia dos Ossos.

Jacqueline Pitanguy: Então, numa dessas, eu já tava casada, e eu encontrei com a Ângela, e eu sempre me lembro de ela virar pra mim e dizer assim: “Olha, se eu encontrar com você numa festa, você me mostra logo quem é o seu marido. Porque, pra mim, ele fica usando

saia. Acabou. Se é o seu marido, acabou. Pode deixar que eu não chego nele!” [risos]

Branca Vianna: Olha só...

Jacqueline Pitanguy: Por um lado, é a lealdade; por outro lado é, digamos, a consciência da sua enorme capacidade de sedução e do que ela fazia quando ela chegava perto de um homem, né.

O episódio foca na vida de Ângela na sociedade carioca dos anos setenta, seus casos amorosos e sua presença nos círculos sociais. Branca Vianna lê um trecho de uma entrevista que Ângela deu à Revista Fatos e Fotos, utiliza mais um trecho da audiência de Doca Street e um áudio do programa Fantástico no qual Ibrahim Sued (colunista do O Globo e ex-namorado de Ângela) e Adelita Scarpa (ex-mulher de Doca) eram os entrevistados. Na gravação do Fantástico, Ângela Diniz conhece Doca Street e isso guia a trama para o próximo episódio onde o assassino será apresentado.

O sexto episódio é intitulado “Doca”, e trata do relacionamento entre Raul Fernando do Amaral Street e Ângela Diniz. O episódio tem cinquenta e sete minutos e vinte e oito segundos de duração, quatro fontes repetidas e duas fontes inéditas, sendo uma delas, o próprio Doca Street. O episódio é construído em um clima de suspense. Branca Vianna lê diversos trechos do livro “Mea Culpa”, escrito por Doca Street. Durante uma entrevista com Marialice Cedônio, amiga de Doca, Flora Thomson-DeVeaux consegue o número do autor do crime da Praia dos Ossos. A conversa entre Branca e Flora e o som ambiente mantido criam uma ambientação completa de suspense e ansiedade pelo momento em que a fonte principal de toda reportagem será contatada. Durante todo o episódio e, em certa medida, em todos os episódios, Praia dos Ossos deixa em suspense a possibilidade de ter entrevistado Doca Street. Esse é outro recurso de edição que contribui para o ouvinte não desistir do podcast.

O telefonema de Branca para Doca foi gravado e colocado no episódio, o que gera ansiedade e curiosidade no ouvinte, que até então não sabia se ele iria concordar em ser entrevistado. Depois de uma conversa com o amigo José Alves de Lima, Doca aceitou conceder entrevista. Branca conta sua experiência ao entrevistar o assassino no fim do episódio:

Branca Vianna: Foi uma entrevista difícil. E longa, levou duas horas e meia. Eu nunca tinha sentado pra conversar com assassino nenhum, muito menos com um homem que matou uma mulher porque se sentia dono dela. Mas era uma entrevista que eu queria muito fazer. Fiquei feliz e até agradecida por ele ter finalmente topado. E saí convencida de que a gente fez bem em ouvir o Doca. Ele é um ser humano que errou, e de alguma maneira sabe que errou... E ele também é um criminoso que acabou pagando pelo que fez.

A entrevista com Doca Street foi o clímax da série. A edição do podcast manteve todas as pausas e respirações de Doca, o que estendeu e dramatizou sua entrevista.

Branca Vianna: E a Ângela também era amiga da sua mulher, a Adelita, né?

Doca Street: Era muito. A gente se hospedava na casa da Ângela e do Ibrahim, né. Aí é que é a coisa, é uma aproximação muito... assim de casais, é... não sei. A vida, a gente não sabe nada... o amanhã, né. Então... aconteceu.

Branca Vianna: Não tinha ninguém ali pra dizer: "para com isso, que isso não vai dar certo", "oolha, que isso não vai dar certo", não tinha ninguém que falou isso?

Doca Street: Acho que não, pra mim nunca ninguém falou nada, acho que nem pra Ângela, não sei, sinceramente eu não sei. E o... era raro o sábado e domingo que a gente não ia pro Rio. Ou a gente ficava no anexo ou então ficava na casa do Ibrahim.

Além disso, também se manteve o encontro de Doca com Branca e a host narra suas primeiras impressões.

O sétimo episódio, “Quem ama não mata?”, tem cinquenta e cinco minutos e nove segundos de duração. O episódio contou com entrevistas de oito fontes, sendo três repetidas e cinco inéditas. A temática apresentada foi o protesto do movimento de mulheres durante o segundo julgamento de Doca Street. Também foram citados outros dois crimes semelhantes ocorridos ainda na década de 1970. As histórias dos assassinatos de duas mulheres pelos esposos são contadas de forma resumida, mas ajudam a compreender que o caso de Ângela Diniz se tornou emblemático não somente pelo fato de serem personalidades da alta sociedade, mas principalmente pela repercussão e cobertura da mídia, incluindo a transmissão ao vivo, pelo rádio e pela televisão, do primeiro julgamento. Os efeitos sonoros utilizados seguiram o estilo padrão dos episódios anteriores.

O episódio utiliza arquivos de áudio do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte.

Branca Vianna: O Ariosvaldo Campos Pires foi o mesmo advogado que absolveu – duas vezes – o marido da Jô Lobato, usando o argumento da legítima defesa da honra. Quando a Mirian falou com ele, ele tava defendendo o marido da Eloísa Ballesteros. A gente encontrou um depoimento do Ariosvaldo no Museu do Imagem e do Som de Belo Horizonte.

Repórter: A condenação de Doca Street muda os rumos de sua defesa ou o senhor pretende continuar usando a figura da legítima defesa da honra na defesa de seu cliente?

Ariosvaldo Campos Pires: Evidentemente não apenas eu, mas como qualquer advogado que se preza, continuará a invocá-la na medida em que ela se ajuste ao caso de fato posto em julgamento.

Também faz leitura de trechos de reportagem da Revista Veja, Diário da Tarde e Revista Nova Cosmopolitan. Branca Vianna termina com um gancho para o próximo e último episódio do podcast Praia dos Ossos que trará a discussão sobre o caso Ângela Diniz para os dias de hoje.

O oitavo e último episódio do podcast Praia dos Ossos, “Rua Ângela Diniz”, tem uma hora, quatro minutos e trinta e um segundos de duração. O episódio possui entrevistas com seis fontes, sendo duas repetidas e quatro inéditas. Ele

começa abordando assuntos jurídicos sobre feminicídio e impunidade de homens que cometem esse tipo de crime. Uma das fontes é a mãe da host Branca Vianna, Branca Moreira Alves. Ela só aceitou ser entrevistada para o podcast se a entrevistadora fosse Flora, em vez da filha. O motivo é que a mãe de Branca Vianna foi uma das mulheres que participaram dos protestos durante o segundo de Doca Street, no início da década de 1980. O expediente de deixar o ouvinte em suspense sobre o porquê da própria mãe não aceitar ser entrevistada pela filha é proposital e causa suspense.

O episódio também traz juízes e um advogado para esclarecer dúvidas sobre feminicídio, legítima defesa por honra, homicídio privilegiado e justiça restaurativa. Depois disso, Branca Vianna surpreende os ouvintes com um comercial encontrado pela pesquisadora do podcast, Flora Thomson-Deveaux, no qual é possível ouvir a voz da protagonista da grande reportagem, Ângela Diniz. Nele, Ângela faz uma fala entre outras várias personalidades da época, entre homens e mulheres, no comercial de um cartão de crédito de bandeira brasileira intitulado Passaporte. “O cartão de crédito Passaporte era o que faltava no Brasil. Acho um luxo”.

O comercial foi dirigido pelo cineasta Luiz Sérgio Person e contou com a participação de várias celebridades da época. Depois dessa surpresa, o assunto que intitula este episódio do podcast foi introduzido. Branca e Flora descobriram que existem, pelo menos, quatro ruas no Brasil que levam o nome de Ângela Diniz. Uma fica em Fortaleza, outra no Pará, uma em São Gonçalo, Rio de Janeiro e a quarta em Búzios, perto da Praia dos Ossos. A Rua Ângela Diniz em Búzios foi nomeada em 2010, junto com as demais ruas da cidade. O episódio final do podcast encerra com uma menção honrosa a mulheres que, assim como Ângela, foram assassinadas por seus companheiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast Praia dos Ossos tem as características de um jornalismo interpretativo. Esse gênero amplia a qualidade “das informações a serem repassadas ao público. O objetivo é situar o ouvinte dentro do acontecimento” (FERRARETTO, 2007, p. 201). Os recursos da estética sonora são utilizados nessa ambientação. Quando a edição de Praia dos Ossos decide amplificar os sons do ambiente, ela está incluindo o ouvinte no cenário, quando decide incluir músicas de mistério e drama, ela está comunicando o caráter investigativo da grande reportagem.

Além disso, os pequenos efeitos sonoros, como a virada de página, são utilizados para remeter o ouvinte à ação de, no caso da folha, leitura de documentos. Segundo Ferraretto, os efeitos sonoros podem englobar tanto os que referenciam a sons do mundo real, como os inventados, que são de interpretação variada (FERRARETTO, 2014, p. 196).

A trilha sonora de Praia dos Ossos é exclusiva. Ela foi composta por Pedro Leal David, que é compositor e produtor de trilha sonora para teatro, cinema e podcast. O podcast também utilizou faixas adicionais da Blue Dot, que é uma compositora e gravadora de músicas acústicas para produções. Essas faixas ajudam na ambientação da história, dando o tom de suspense e drama para os acontecimentos.

O podcast Praia dos Ossos explora potencialidades da mídia sonora enquanto obra narrativa. Ao trabalhar com dados reais, ele faz uso de gêneros como o documentário radiofônico, ao introduzir trechos sonoros da década de 1970, entrevista em profundidade com fontes que ajudam a construir a personalidade dos personagens principais da trama na mente do ouvinte, tudo isso por meio de uma grande reportagem em áudio.

Cada episódio possui início, meio e fim. Eles situam o ouvinte para o que ele irá ouvir na sequência e apresentam possibilidades narrativas construídas de forma a entreter, mexer com a curiosidade do ouvinte e provocar diferentes reações. Quando os autores do podcast usam um locutor que dá voz aos textos de jornais da época, eles utilizam recursos dramáticos. Com efeitos sonoros na voz do locutor e uma imitação que remete ao rádio do passado, o locutor recria o universo da época.

A todo momento, o jornalismo interpretativo está em evidência porque o texto principal do podcast faz questão de escancarar a quão absurda é a absolvição de um homem que assassinou sua namorada. A narrativa, juntamente com os recursos sonoros, foca nos fatores que fizeram com que o assassino Doca Street se tornasse uma vítima aos olhos da sociedade da época.

Sound aesthetics In the podcast Praia dos Ossos

ABSTRACT

The podcast is an expanding media in Brazil and in the world, and journalism is increasingly present in this media. Research carried out in 2020 found that more than 34 million Brazilians listened to podcasts (ABPOD, 2021). The general objective of this article is to examine the sound aesthetics present in the Praia dos Ossos podcast. The specific objectives are to describe sound design elements used in the production and to identify the main editing techniques present in the podcast. The research methodology used will be content analysis of the podcast episodes, as well as a bibliographical analysis of what has already been said about sound aesthetics and podcasts in Brazil. For that, bibliographical research and content analysis of the eight episodes of the podcast were used. It is concluded that the Praia dos Ossos podcast amplifies the sounds of the environment in order to include the listener in the crime scene, as well as makes use of mystery and drama tracks, in order to manifest the investigative character of the report. Sound aesthetics are widely used in order to transport the listener to the time when the case unfolds.

KEYWORDS: Podcast. Sound aesthetics. Praia dos Ossos.

REFERÊNCIAS

- ABPOD. Associação Brasileira de Podcasters. PodPesquisa 2020-2021. Online. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em 12 Nov. 2021.
- ASSIS, Pablo de. O feed e a fidelização do podouvinte. In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BONASSOLI, Kell. Uma mão lava a outra, duas mãos batem palma. In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.
- FALCÃO, Bárbara Mendes e TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2019. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em 12 Nov. 2021.
- FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Doravante, 2007.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio [recurso eletrônico]: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- GLOBO. Gente. Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. 2021. Online. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em 12 Nov. 2021.
- LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.
- PRADO, Emílio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus, 1989.
- REVISTA ENCONTRO. Criadoras do podcast Praia dos Ossos falam da repercussão do caso Ângela Diniz. Online. Disponível em: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2021/01/criadoras-do-praia->

[dos-ossos-falam-da-repercussao-do-caso-angela-diniz.html](#). Acesso em 12 Nov. 2021.

SACCHITIELLO, Bárbara. Os desafios de publicidade e mensuração dos podcasts. Meio & Mensagem. Online. 6 Jun. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/06/06/os-desafios-de-publicidade-e-mensuracao-dos-podcasts.html>. Acesso em 16 Set. 2022.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Universidade de Brasília (UnB). 2006. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1649833933583446128043173918526323151.pdf>. Acesso em: 12 Nov. 2021.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Recebido: 08 mar. 2023.

Aprovado: 16 out. 2023.

DOI: 10.3895/rde.v14n24.16513

Como citar:

SANTOS, C.R.P; SOUZA, J.M. Dito Efeito, Curitiba, v. 14, n. 24, p. 17-31, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

